



# Memórias pré-fabricadas

Noutro dia, vi uma publicação no Instagram sugerindo lugares próximos a Brasília para criar memórias com os filhos. Não foi a primeira vez que li sobre “criação de memórias”, como se tivéssemos de seguir um roteiro de recordações pré-fabricadas. Por falar em memória, também não me lembro dessa expressão ser usada antes da década de 2020, embora, como muitas vezes ocorre, posso estar enganada.

Memórias da infância são a herança mais preciosa que nossos pais nos proporcionam. Como nos recordamos do que vivemos impacta enormemente no que nos tornamos — e na forma em que nos relacionamos com os outros. Assim como memórias traumáticas podem destruir uma vida, as agradáveis são a base de uma existência saudável.

Defensora das boas recordações, estranho, porém, o artificialismo da tal “criação de memórias”. Não deveria ser a experiência presente o motivo de levarmos as crianças para conhecer novos

lugares? A preocupação com invenções mnemônicas, imagino, cria ansiedade (porque pressupõe a perfeição), tira a naturalidade e nos impede de vivenciar, com plenitude, aquele momento.

Tive um instrutor de meditação que disse que jamais estamos no presente. Ou nos preocupamos com o futuro, ou remoemos o passado. Essa história de criar memória me parece um pouco isso: estamos pensando no que a criança se lembrará, no futuro, quando pensar no passado. E com a vivência daquele instante, quem se importa?

Como todos, coleciono mais recordações ruins do que gostaria, porque elas são inevitáveis. Porém, não são maiores que as boas memórias que trago da infância. Coisas como fazer massinha de pastel com minha mãe em uma tarde chuvosa, ir com meu pai para o trabalho dele e poder brincar na máquina de escrever; as brincadeiras de boneca com minhas irmãs (ainda me lembro do nome de cada Barbie), o sorvete de pistache que tomava com

minha avó na confeitaria da cidade dela.

Tenho um sobrinho de 5 anos e gosto de mimá-lo com o que ele chama de “atividades”, como organizar expedições antropológicas para escavar fósseis de dinossauro (de plástico), caçar ovos de Páscoa no bosque (meu apartamento) e acampar para observação astronômica (na sala de casa, com projetor de estrelas no teto). Também nos divertimos com coisas bem simples, como ler a histórias do Pedro Coelho, ligar pontos no livrinho montessoriano ou pintar desenhos.

Não sei se o Luigi se lembrará dessas coisas algum dia. O que me importa é ver como ele se diverte, hoje, com nossas brincadeiras. Se, daqui a muitos anos, nossa cabaninha de dinossauro ou nossas atividades de coordenação motora fizerem parte do repertório da infância feliz do meu sobrinho, ainda melhor.

De uma coisa, tenho quase certeza que o Luigi se lembrará: que a tia estava 100% focada no presente, aproveitando cada momento ao lado dele.